

AS AÇÕES VERDES COMO MODOS ECOLÓGICOS DA PRODUÇÃO DE SUJEITOS – A LITERATURA INFANTIL SOB ANÁLISE

Camila da Silva Magalhães

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os ensinamentos sobre Educação Ambiental que estão presentes na Literatura Infantil e como somos interpelados e acabamos modificando nossos modos de ser como sujeitos desse tempo. As obras analisadas fazem parte do acervo complementar do Programa Nacional do Livro Didático e são distribuídas para escolas públicas de todo o Brasil. Entendendo a relevância e abrangência do material empírico e compreendendo a Literatura Infantil como um Artefato Cultural, usando as lentes foucaultanas proponho a problematização de tais ensinamentos e como eles mostram a emergência de um sujeito ecologicamente correto. A partir da compreensão de que estamos passando por um momento de crise e que a Educação Ambiental tornou-se emergente em nossos tempos, evidencio os comportamentos tidos como necessários para que possamos garantir a manutenção da vida em nosso planeta.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Ações Verdes; Literatura Infantil; Sujeito.

Contextualizando o estudo

Neste artigo, dedico-me a mostrar como a Literatura Infantil aponta algumas indicações de comportamentos que chamo de “ações verdes” e como essas ações vêm constituindo práticas no campo de saber da Educação Ambiental, mostrando a necessidade de um novo tipo de sujeito no contexto em que vivemos. A partir da vertente dos estudos culturais e compreendendo que a Literatura Infantil é um potente artefato cultural¹, permeado de significados e ensinamentos, preocupo-me em apontar como esses preceitos nos interpelam a ponto de pouco questionarmos tais ditos. A partir das enunciações² contidas nas histórias, procuro evidenciar como estamos imersos nesses ditos e convidados a adquirir um novo modo de vida. Cabe ressaltar que o as “ações verdes como modos ecológicos da produção de sujeitos” contextualiza um série de atitudes que devemos ter, se quisermos garantir a continuidade de vida no planeta. Destaco que as proposições trazidas pelos livros constituem uma espécie de receita ou manual, de atitudes referentes às problemáticas ambientais. Ao retratar essas ações, os livros reforçam práticas de Educação Ambiental recorrentemente reconhecidas nos espaços escolares, definindo alguns modos de agir e de se comportar em relação ao meio ambiente. Reciclagem, economia de água e reaproveitamento de resíduos aparecem de forma recorrente nos excertos que trago a seguir. A enunciação abaixo é

¹ Produtos constituídos por uma cultura, como a música, a literatura, a mídia e etc, que carregam em si uma série de significados e saberes.

² São as falas, as imagens e os ditos contidos no material de análise. Ver Foucault (2002).

exemplar para isso!

A proposta desse livro é de sensibilizar o leitor para a questão do lixo, para a maneira inadequada com que a maioria das pessoas o descartam, para o atraso em que o país se encontra em relação à coleta seletiva e a reciclagem. Na história fica claro que quase tudo que se considera lixo não é lixo! **Por meio da coleta seletiva e da reciclagem, economizamos recursos naturais para as futuras gerações, até porque a maioria dos recursos naturais está com seus dias contados. Ou damos a devida atenção ao tratamento do lixo ou um dia seremos vítimas dele.** O verdadeiro exercício da cidadania exige mais respeito e entendimento para uma questão de tamanha importância. (CARRARO, 2011, s/p)

O trecho encontra-se na contracapa do livro *Se o lixo falasse* e aponta para a necessidade de “sensibilizar o leitor para a questão do lixo”. Como se fosse um manual, este e outros livros apontam atitudes que devemos adotar para que os recursos naturais não se esgotem e assim garantam a continuidade da vida para as gerações futuras. Convido o leitor para comigo fazer alguns questionamentos: Como nos constituímos afetados por esses ditos? Como funcionam os mecanismos de captura que colocam em funcionamento essa nova conduta esperada para o futuro? Para me auxiliar nesta tarefa, faço uso dos estudos de Sampaio e Guimarães (2014, p.125) [grifo dos autores] quando mencionam algumas atividades que se intitulam de Educação Ambiental: “atividades também se costuma demarcar a ‘negatividade’ de grande parte das ações dos seres humanos sobre o ambiente e, ao mesmo tempo, busca-se incentivar a adoção de outras atitudes, mais respeitadas, com relação ao mundo natural”. Os autores apontam para a existência de um dispositivo da sustentabilidade, que apresenta uma “complexa e polissêmica trama de textos, imagens, slogans, projetos pedagógicos, ações empresariais, programas televisivos, artigos científicos, entre tantos outros artefatos ou práticas que se ocupam da construção de uma sociedade sustentável nos tempos atuais” (IDEM, p. 126). Atrelada a outros dispositivos, que atuam diretamente sobre o sujeito contemporâneo e vão forjando seus modos de ser e viver no mundo, a Educação Ambiental, como vem sendo narrada na Literatura Infantil, reforça a adoção de atitudes conscientes em relação ao planeta. Isso fica evidente na enunciação anterior, onde o autor do livro *Se o lixo falasse* deixa clara a intenção com sua obra, a conscientização. Assim como na escola, onde circula o material empírico desta pesquisa, outros textos, imagens e propagandas trazem consigo enunciações que nos subjetivam e vão aos poucos nos *esverdeando*³, a fim de que sejamos cada vez mais responsáveis por nossas condutas, mesmo as mais corriqueiras.

A criança do século 21 já nasce familiarizada com os termos “mudanças climáticas”, “ecologia”, “educação ambiental”, “reciclagem”, “aquecimento global”,

³ Utilizo esta expressão inspirada no texto de GUIMARÃES (2012).

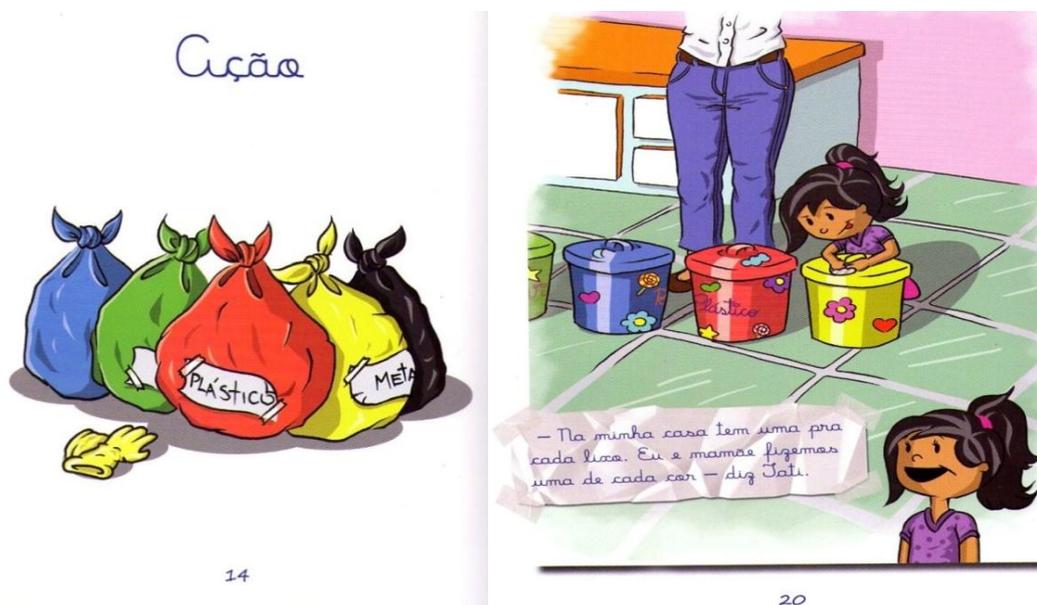
“desmatamento” e tantos outros mais, ainda que não entenda a complexidade do que se trata. Nas livrarias, centenas de livros sobre a natureza e o meio ambiente disputam a atenção dos pequenos através de títulos chamativos e visual atraente. Uma enorme quantidade de dados, porcentagens, preceitos e regras que beiram a manuais de etiqueta e de bons costumes tenta alertar a criança do que a espera caso a humanidade não mude sua postura para com o próprio homem e o meio em que vive. (OLIVETO, 20118, p.29) [grifos da autora]

De acordo com a autora, os livros infantis trazem uma espécie de cartilha que aponta comportamentos ecologicamente corretos com a principal função de pensar no futuro; as atividades realizadas nos espaços escolares seguem o mesmo caminho. A seguir trago alguns excertos que nos mostram como estes ditos são colocados em operação.

A Educação Ambiental na Literatura Infantil- Modos de como cuidar do Planeta

Nos espaços escolares a Educação Ambiental, muitas vezes, é tratada de forma desarticulada e com base no senso comum. Exemplo disso é relacionar o dia 5 de junho às atividades de separação de lixo, construção de brinquedos com sucata, visitas a usinas de reciclagem, assistir a algum filme, entre outras atividades, que corriqueiramente fazem parte da semana de comemoração ao meio ambiente. No livro *Não afunde no lixo*, destaco um exemplo do que venho me referindo. Em um diálogo com seu cachorro, Zeca diz: “– Pipoca, você sabe que dia é hoje? A professora disse que é o Dia Mundial do Meio Ambiente. Até plantamos árvores na escola” (BERCHARA, 2012, p. 9). Após um pesadelo com um monstro de lixo, Zeca acorda e diz ao seu fiel amigo: “– Pipoca, a professora disse também que o dia do meio ambiente é todo dia. E que cada um deve cuidar um pouquinho da natureza. Avante! Siga-me, que vamos entrar em ação!” (2012, p.13). A próxima página ilustra a ação pensada pelo menino Zeca:

Figura 12: Não afunde no lixo (CARRARO, 2011, p. 14 e 20)



Assim, dando seguimento à história, podemos encontrar outros ensinamentos:

- Zeca, onde as pessoas podem jogar o lixo? - pergunta Aninha. - Cada um pode guardar o seu lixo e jogá-lo na lixeira de casa.
- Na minha casa tem uma pra cada lixo. Eu e mamãe fizemos uma de cada cor - diz Tati." (2012, p. 19-20).
- Ah, e o lixo de casa deve ser colocado na rua só duas horas antes do lixeiro passar - acrescenta Pinduca.
- É isso mesmo - reforça Zeca -, assim ninguém bagunça. (2012, p. 21).
- Ouvi falar de uma escola que, graças ao trabalho de professoras e alunos, conseguiu que toda população da cidade se envolvesse num projeto audacioso de coleta seletiva. Inclusive acabaram com o lixão da cidade. (CARRARO, 2011, p. 11)

Essas enunciações, juntamente com as imagens que ilustram os livros e não se descolam da história, colocam em funcionamento os ensinamentos ligados a questões como o lixo e seu descarte. A separação do lixo e a feitura de horta são práticas que permeiam as ações escolares. Na esteira desse pensamento, uma das enunciações desta pesquisa evidencia o mesmo modo de agir:

- Diga simplesmente a elas que quase tudo aquilo que consideram lixo não é lixo. É recurso natural que deve ser aproveitado por meio da coleta seletiva e da reciclagem. (CARRARO, 2011, p. 16).
- Como os humanos devem fazer pra transformar cascas em composto orgânico?
- É simples. Primeiro seria bom que nos dessem uma leve trituração no liquidificador. Depois, que nos enterrassem com camadas de palha ou folhas secas. Algumas minhoquinhas (que podem ser compradas) ajudariam muito no processo de decomposição e produção de húmus. Uma vez ao mês precisariam nos revolver para agilizar esse processo. **Aos poucos, de cascas iríamos nos transformar em composto orgânico. Viram como é fácil?**
- **É, sim. Os humanos têm que entender isso.** (IDEM, 2011, p. 10) [Grifos meus]

Corroborando com a sugestão de ações dos livros, as práticas escolares vão nos dizendo o que fazer em relação a esse problema e moldando assim nossa forma de ser e estar no mundo. Ao expor algumas consequências que podem acontecer se não nos preocuparmos com o lixo, os livros colocam em funcionamento um conjunto de regras a seguir em busca da resolução desse problema. Desta forma, nos responsabilizando, de forma individual e coletiva, a nos engajar nessa campanha pelo planeta.

A emergência de um novo sujeito, de um novo modo de ser e estar no mundo reflete o atual cenário estampado diariamente nas mídias e também nas histórias infantis. Esse novo sujeito precisa ser persistente, corajoso, criativo e principalmente persuasivo para conseguir convencer que sim, precisamos mudar. A receita está dada e o sucesso é garantido nas histórias, tendo, em sua grande maioria, um final feliz refletido pela resolução dos problemas apresentados em cada início. O apontamento do cenário negativo e a proposta de uma resolução simples, responsabiliza-nos diretamente e, me atrevo a dizer, nos “obriga” a nos engajar nessa empreitada. Porém, questiono: estamos todos dispostos a responder a expectativa posta sob nossos ombros e definitivamente modificar nossas formas de habitar este planeta? Essa grande responsabilidade estaria apenas no sujeito individual? Quem de nós diria não ao chamamento pelo bem do planeta? Estamos imersos demais nessa rede discursiva para dizer que não concordamos com esses ensinamentos e que não vamos agir de forma correta.

Ao sermos ensinados que “Reciclar é uma boa ideia” (DOMÊNICO, 2009, p.16) entendemos que seu oposto, “Não reciclar” é então uma má ideia, deixando claro que o comportamento esperado é aquele que é bom para o planeta, para a colaboração com a limpeza das cidades e da qualidade de vida. Neste sentido, regulamos nossas ações e nos vigiamos diariamente na tentativa de acertar. De acordo com Oliveira (2005, p.80),

Hoje em dia, quem discordar da importância das preocupações ambientais, terá que se haver com uma massa de elementos discursivos e não-discursivos firmemente instituída. Os discursos produzidos a partir de uma necessidade de EA têm, portanto, seus mananciais de força em funções enunciativas que conferem certa lentidão, ou seja, a permanência do discurso ambiental, dando-lhe materialidade e possibilidade de regular a nossa forma de pensar, ver e estar no mundo, segundo certas maneiras autorizadas e não qualquer outra.

Desta forma, a partir desses ensinamentos do que é correto e do que não é, esta EA ensinada na Literatura Infantil preconiza cada vez mais um sujeito responsável pela sustentabilidade e preservação da vida. Um modo de ser que é urgente e “para evitar o risco de não haver um futuro para a humanidade e as outras formas de vida, eduque-se

principalmente as novas gerações, para que essas tornem possível o futuro verde sustentável, que possam discernir toda prática e pensamento ecológicos dos não ecológicos” (BARCHI, 2011, p. 168). A exigência de um novo comportamento acaba por uniformizar ações, estabelecer regras de conduta e dicotomizar os seres, sendo, de um lado, os engajados e ecologicamente corretos e, de outro, os que não participam do projeto para um futuro melhor. Com isso, é preciso pensar no papel da EA na contemporaneidade: se a partir desses materiais os ensinamentos estão cristalizando os propósitos da EA, por outro lado, podem abrir uma rachadura nesse processo de normalização e a partir da problematização, pensar em outra forma de ser e estar no mundo. É preciso questionar: O que nos mobiliza a adotar certos modos de agir? É por pensar no planeta? É porque *está na moda* pensar verde? É porque nos importamos com o futuro? O que nos move em direção a uma vida melhor e mais sustentável? Faça estas questões a partir das minhas próprias provocações, pois, ao trabalhar com EA não me coloco de fora, como espectadora, pelo contrário, também estou imersa nesta trama que produz os sujeitos. Questiono o fato de que os temas ligados à EA tornem-se cada vez mais mecânicos e padronizados. A seguir, trago excertos de diferentes histórias infantis que nos apontam atitudes que devemos adotar em nosso cotidiano:

Para não poluir com fumaça, podemos andar de bicicleta e a pé também.
Dê carona (é de graça!), ou de ônibus que polui menos e só faz bem.
Lugar de lixo é no lixo!
Para evitar o aquecimento global é preciso nossa união. (DOMÊNICO, 2009)

Estão distribuindo árvores por toda parte, tornando nossa cidade mais saudável, mais bonita e certamente, muito feliz. Sabemos que, dentro de cada um de nós, há um plantador adormecido. Quem sabe, com este livro, estaremos ajudando a tornar mais verdes as ruas das cidades brasileiras? (ROCHA, 2011)

Vocês têm armas – disse ela aos soldados –, mas o que estão protegendo? O país inteiro está desaparecendo com o vento e com a água. Vocês precisam segurar a arma com a mão direita e uma muda de árvore com a mão esquerda. Assim vocês se tornarão bons soldados. Desde que, há trinta anos, Wangari começou seu movimento, árvore por árvore, pessoa por pessoa, trinta milhões de árvores foram plantadas no Quênia – e o reflorestamento não cessou.

FECHE a torneira ENQUANTO ESCOVA OS DENTES e SÓ ABRA para utilizar a água.
Separe o lixo, reciclável e não reciclável.
PILHAS VELHAS NO LIXO NÃO!!! Procure os pontos de coleta. Quando puder, vá de escada. (DAREZZO, 2011)

Lixo é para ser jogado no lixo. (BELLINGHAUSEN, 2010)

Em uma sociedade baseada no consumo, que valoriza a posse das coisas, Frederico Godofredo é um menino diferente. Para ele, ser é muito mais importante do que ter. O boné e o tênis da moda não são importantes.
Se a maioria das crianças pedia papel novo, ele preferia, como Darwin, desenhar no

verso de papéis usados. **Sentia que assim ajudava a preservar a natureza.** (LEÃO, 2010, p.13) [Grifos meus]

Diante das enunciações expostas e como elas colocam em funcionamento um dito aceito como verdadeiro, enfatizo a necessidade de problematizar como estamos nos constituindo a partir de “ações verdes”. Com isto, não nego a responsabilidade da humanidade em pensar e repensar sua forma de habitar o mundo, porém gostaria que, pelo menos, pudessemos questionar o esvaziamento do papel da EA em relação a esses ditos, já que a “construção de práticas inovadoras não se dá pela reprodução, mas pela criação” de outros modos de vida (CARVALHO, 2008, p.129). Estamos diante de uma cartilha, uma receita que já está desgastada, recorrente e que nos captura por todos os lados, seja pela Literatura Infantil, pelas campanhas publicitárias, pelo incentivo à reciclagem, seja por tantas outras ações. As margens de escape, de fuga ao velho e gasto discurso da EA são mínimos e é ele, junto com tantos outros elementos, que forja a emergência desse novo sujeito.

Além como a problemática do lixo, a água também é um tema recorrente na Literatura Infantil, ora mostrando sua importância e seu ciclo, ora evidenciando os cuidados que temos que tomar para que esse recurso não se esgote. Cabe ressaltar que a preocupação com os recursos hídricos não é nova e faz parte das discussões e lutas da EA há algumas décadas. Porém temos hoje um cenário onde a “conscientização” do uso e desperdício de água estão em evidência, principalmente pela crise hídrica em que se encontram algumas regiões do país. Em 1977, Lutzenberger (1983, p.59) já alertava que “a calamidade será global e irreversível. Nossos filhos, as crianças e os jovens de hoje, sentirão em carne e osso o preço de nossa imprevidência atual”. Sinalizava também para a poluição das águas, principalmente pelo avanço das áreas urbanas e pela falta de saneamento e tratamento de esgoto. Ao falar sobre o futuro e suas consequências, traçando possíveis soluções, o autor diz que:

o futuro não está na megatecnologia, está na tecnologia intermediária; não está no consumo desenfreado, **está no uso frugal, com sentido, dos escassos recursos do planeta**; está na descentralização das decisões e da produção, na auto-suficiência sempre que possível, na diversidade de estilos de vida e de culturas. (LUTZENBERGER, 1983, p. 74) [grifos meus]

Com certeza, o futuro previsto por Lutzenberger mostrava-se de forma muito pessimista e catastrófica, porém o autor defendia que, se houvesse uma mudança drástica nas atitudes, ainda poderíamos reverter os problemas por ele apresentados. Apostava, também, que cada indivíduo era responsável por essa mudança e que o futuro poderia ser construído e que seria provável reverter essa situação. Diante disto, ao recomendar o uso dos recursos naturais com parcimônia, não posso deixar de relacionar com alguns ditos desta pesquisa:

No mundinho havia duas leis importantes: primeira- não desperdiçar água. Todos economizavam em qualquer lugar: nas casas, nas escolas, no trabalho, nos parques; Segunda- Não poluir o meio ambiente. A água é uma grande amiga, sem ela não há vida. (BELLINGHAUSEN, 2010, s/p)

Diante disto, a provocação e discussão sobre esse problema é inevitável, já que não sabemos quando seremos nós os atingidos pela falta de água ou pela sua poluição. A preocupação em relação ao possível esgotamento desse recurso é em nível global, já que em certas áreas do mundo, populações sofrem com a falta d'água há muito tempo. Também é impossível não pensar sobre o futuro, já que as previsões não são nada animadoras, deixando-nos com uma sensação de medo constante, medo do que poderá ser do planeta sem água, um recurso indispensável para a manutenção da vida.

Pensar no futuro significa tomar atitudes no presente. Desta forma é necessário que os sujeitos estejam capturados e mobilizados. Para Foucault (2008), o futuro é um tempo que precisamos prever, planejar e assim pensar em modos de existência, neste caso, que assegurem a perpetuação da vida. Com isto, as estratégias vinculadas à EA tornam-se mecanismos que, ao nos capturar, colocam em funcionamento ensinamentos que vão aos poucos nos tornando sujeitos ecologicamente corretos. Não quero dizer que não devemos ter certos comportamentos ditos corretos, mas mostrar o quanto somos interpelados de tal forma que não questionamos tais ensinamentos.

Para além da dicotomia entre certo/errado, é preciso pensar sobre a produtividade que esses ditos resultam. Na linha de pensamento foucaultiano, o sujeito, tal qual conhecemos, não está desde sempre aí, não é transcendental. Para o filósofo, o sujeito é aquele que se assujeita diante das diferentes relações de poder e saber em que está inserido. O sujeito é desse tempo, está intimamente ligado à sociedade à qual pertence e é atravessado pelos discursos que fazem com que se torne isso e não aquilo. Esse jogo de forças, o poder e o saber, produzem um certo sujeito que responde a um determinado tempo. Sendo assim, é equivocado dizer que exista uma essência do sujeito. A todo momento somos forjados nesse jogo de forças que nos objetivam e nos subjetivam. Essa objetivação refere-se aos mecanismos existentes a fim de tornar o corpo dócil e útil. A subjetivação diz respeito às práticas que atribuem uma certa identidade ao sujeito, neste caso, aquele que se torna o sujeito ecologicamente correto e que é constituído a partir das relações de poder da sociedade em que está inserido e que corresponde à necessidade de seu tempo (FOUCAULT, 2006).

Assim, a ideia de um sujeito ecologicamente correto aparece em resposta a esse

tempo, um tempo em que é necessário pensar no futuro, que é preciso agir para o futuro e, sobretudo, garantir a existência desse futuro. Para isso, a escola apresenta-se como um dos lugares onde essas relações se estabelecem, já que para Foucault (2011), a escola é uma instituição de sequestro e de docilização dos corpos, que os captura para ensinar os modos de vida aquedados numa dada sociedade. Sendo assim, a escola, uma das responsáveis pelos processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos, a circulação dos discursos amparados pelo *status* escolar mostram os jogos de verdades estabelecidos em seu interior. Com isto, a EA apresentada na escola vem sendo afirmada pelos ditos da Literatura Infantil que também se encontra nesse espaço, corroborando assim com outros discursos que permeiam os espaços midiáticos, reforçam a ideia de que todos somos responsáveis pela mudança do cenário atual e que devemos regular nossas ações diárias e também mobilizar a coletividade.

Ainda sobre o tema da água, o livro *Pingo d'água*, que trata de contar a história de um pingo de água e como ele permeia diferentes lugares enquanto completa seu ciclo, mostrando como ele pode estar presente em uma rocha e também num grão de arroz que nós ingerimos. A história aponta que esse ciclo não tem fim e que a água está em constante renovação. “Fiz parte de suas células e hoje posso estar dentro de outra nuvem, num passarinho, numa pedra, numa flor ou num peixe. Ou em qualquer outro ser deste planeta! O ciclo da água sempre recomeça... Ainda bem, assim esta história não tem fim!” (SANT’ANNA, 2010, p. 19-20). Mesmo que este livro não aponte comportamentos em reação a este recurso, ele mostra as diferentes situações em que a água está presente, evidenciando que a água é essencial para a vida das plantas, na produção de alimentos, para a manutenção dos rios e também para a vida humana. A história *Tanta Água*, também trata de explicar o ciclo desse recurso e sua utilidade, porém ao final nos faz um convite:

Proteger as plantas é proteger o vai e vem da água.
Se o lixo vai pro chão, quando chover pode haver enchente.
Água tratada não pode ser usada para varrer o passeio. Varrer é trabalho da vassoura.
A torneira fica fechada enquanto escovamos os dentes.
A gente fecha o chuveiro na hora de se ensaboar.
Torneira pingando é água tratada jogada fora: nem pensar...
Para tratar a água e distribuí-la para as pessoas é preciso muito trabalho e muito gasto, por isso, não podemos desperdiçar.
Todo mundo precisa de água limpa para ter saúde.
Todo mundo precisa da água. É assim nos dias de hoje e vai ser assim quando você for bem velhinho. Mas a água só vai existir, na quantidade necessária e em boa qualidade, se a gente cuidar. Vamos cuidar? (BOUISSOU, 2011, p. 17-21)

Esta história aponta que o ciclo da água é um dos conhecimentos que se adquire ao ingressar na escola, pois trata-se de uma obra indicada para alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental. Forgiarini *et.al* (2010) afirma que a conscientização sobre os recursos hídricos

faz parte dos ensinamentos ligados à EA e que, quanto mais cedo os indivíduos tomam conhecimento da sua importância, melhor será o processo de sensibilização.

Em consequência, o indivíduo que desde cedo é apresentado na escola ao ciclo hidrológico, aos aspectos econômicos e sociais relacionados aos recursos hídricos, às fragilidades e situações de degradação desses ecossistemas, mais facilmente irá incorporar uma sensibilização preservacionista em relação ao recurso. (IDEM, p.18)

Desta forma, mesmo que alguns livros não ditem atitudes, tratam de evidenciar a dependência que a vida como um todo tem em relação aos recursos naturais, mostrando que a água é um bem essencial.

O autor reforça a ideia quando diz que essa sensibilização é papel da EA e que resulta em ações criativas, “promove mudanças de paradigma que se enraízam nos hábitos culturais, que passam a ser retransmitidos com menor esforço e custo às vizinhanças e gerações futuras” (FORGIARINI *et.al*, 2010, p.18). Em contrapartida, o mesmo autor reconhece que existem também alguns pontos negativos nessas ações, pois precisam da coletividade, sendo uma ação conjunta entre a população em geral e também as empresas que utilizam esse recurso. Sendo a água um recurso natural e de domínio público, é preciso que existam técnicas de regulação do seu consumo para que ela não se esgote. O valor arrecadado pela cobrança do uso da água também deve ser revertido para a conscientização, estímulo a tecnologias limpas e economia desse recurso, estimulando também a não poluição e contaminação. Sendo assim, na visão do autor, “A educação ambiental propõe respeitar as diferenças quando tenta conduzir os cidadãos e segmentos da sociedade para um caminho considerado adequado (dentro do atual contexto) de utilização dos recursos naturais” (IDEM 2010, p.23). Ações como essa são necessárias devido à utilização desse recurso de forma desenfreada e visam criar uma nova forma de pensar, uma mudança cultural ao entender que a água é um recurso necessário e finito. Porém, ao pensarmos nessa problemática, vejo que nos livros infantis a incidência da responsabilidade está mais visível sobre o sujeito individual, pois, no decorrer das histórias, atitudes como “fechar a torneira” geram um grande ganho em relação à vida e à nossa existência enquanto humanidade. Pode-se ver isso no livro *Pinga Pingo Pingado*, que conta a história de um menino que escuta um barulho no meio da noite e, ao investigar, vê que se trata de um “pingo fujão”, que teima em sair da torneira, mesmo fechada.

Pingo pinga na torneira.
Pinga tanto que esvazia o rio.
Pinga bem mansinho.
Ninguém escuta, só a noite.
Pedro dorme.
Pedro acorda sem razão.
Pedro esfrega os olhos.
Pedro não sabe por que acordou.
Mais um pingo foge.

Muitos outros saem pelo ralo.
Quantos são?
Sei não.
Só sei que são muitos.
Muitos que regariam as plantas.
Outros que matariam a sede.
Mais tantos que salvariam vidas.
Vida sai em cada gota sem destino.
O que fazer?
Pedro levanta da cama.
Caminha e vai seguindo o barulho.
Vê o pingo querendo mergulhar na bica.
Fecha a torneira com força.
O pingo volta para dentro.
Agora não, pingo fujão!
Os rios ficam felizes.
As plantas balançam.
A festa começa.
A natureza canta de alegria.
A vida agradece. (Lutterbarck, 2011, s/p)

Essa enunciação aponta para os problemas gerados a partir de um vazamento de água e as consequências que isso pode acarretar. Era um “pingo fujão” que somado a tantos outros “regariam as plantas, matariam a sede” e enfatiza a importância essencial da água quando diz que “salvariam vidas”. Em seguida, “fecha a torneira com força” e o que era desperdício, agora “deixa os rios felizes” e “a natureza canta de alegria”. Parece-me que, se Pedro não fechasse aquela torneira, seria responsável pelo desperdício de inúmeros pingos que poderiam salvar muitas vidas. A responsabilidade individual é acionada a fim de tornar o sujeito consciente de suas ações e de certa forma tranquilo por adotar determinada atitude tida como correta. No intuito de minimizar os riscos futuros da escassez de água, acabamos por adotar esses comportamentos, pautados em um receio do que nos espera no futuro, pautados em um medo que não sabemos muito bem do que é, mas que temos previsões, assim como apontam diversos estudos científicos e em produções cinematográficas que apontam um futuro desértico, como por exemplo o filme Mad Max. É preciso agir para que não sejamos os personagens dessas tramas e esse agenciamento global em prol do planeta e da vida, colocamos cada vez mais vigiados por nós mesmos. Vivemos em um tempo instável, onde a qualquer momento podemos ser atingidos por um furacão, tsunami, terremoto, enchente, fome, seca e constantemente em risco.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, atravessamos um tempo que ele chama de Modernidade líquida. Bauman utiliza o termo líquido para demonstrar um tempo em que a fluidez e as incertezas tomam conta das sociedades. Com a liquidez das relações e a insegurança do que pode acontecer, a Modernidade líquida é um tempo e que as coisas não são feitas pra durar (BAUMAN, 2001). As grandes verdades e a solidez da sociedade

moderna aos poucos vão sendo substituídas por uma nova forma de se relacionar, de ver e de viver. A individualização dos sujeitos também é marca desse tempo, em que a preocupação consigo torna-se mais evidente do que a do bem da coletividade. Pensando no próprio benefício e no consumo de bens, o homem torna-se cada vez mais sozinho e individualizado. Neste sentido, para o autor, as atitudes individuais são cada vez mais marcadas para o bem-estar do próprio indivíduo, resultando num certo egoísmo em relação à coletividade. A partir da análise feita por Bauman, estaríamos atravessando um tempo de atitudes voltadas para o bem individual, e por uma crise de valores que leva os sujeitos a agirem em benefício próprio (IDEM). Assim, poderíamos questionar: As atitudes adotadas pelos sujeitos ecologicamente corretos seriam uma estratégia de tentar salvar a si mesmos? Não poderia afirmar tal questão, porém pode-se pensar sobre isso, já que as atitudes são quase sempre direcionadas para o sujeito individual. A partir da captura do sujeito em sua individualidade, espera-se que o mesmo esteja disposto a mobilizar outros sujeitos, para que assim, com o engajamento coletivo, as ações se tornem mais significativas.

Para isto é preciso pensar nas ações direcionadas ao sujeito individual e nas estratégias de captura existentes nesta Literatura Infantil que está nos espaços escolares. Como nos ensina Foucault (1999), *é preciso defender a sociedade*, criando estratégias de controle social que necessitam do corpo disciplinado (instância individual) e do corpo populacional (instância coletiva). Assim, penso na possibilidade da Literatura Infantil que trata da Educação Ambiental, ser mais uma das ferramentas da biopolítica.

A biopolítica foi apresentada por Foucault e trata-se de uma modificação do poder soberano, que era o poder que suprimia a vida, para o biopoder, “que passou a ser exercido do século XVII em diante, aquele capaz de causar a vida, cuja tarefa era gerir a vida. E sobre a vida é que deve se exercer o poder” (BARCHI, 2013, p. 3261). Assim, quando se fala de poder soberano, é preciso entender que, para Foucault, tratava-se de um poder sobre a morte, enquanto biopoder é o poder sobre a vida.

Trata-se de um poder que se aplica à vida dos indivíduos; mesmo que se fale nos corpos dos indivíduos. O que importa é que tais corpos são tomados naquilo que eles têm em comum: a vida, o pertencimento a uma espécie [...] e a população é o novo conceito que se cria para dar conta de uma dimensão coletiva que, até então, não havia sido um problemática do campo dos saberes. (VEIGA-NETO, 2011, p.87)

A biopolítica utiliza-se dos estudos científicos, econômicos e estatísticos para prever e lançar estratégias para prevenir possíveis riscos para as populações. Um desses riscos é justamente a possibilidade da extinção da vida na Terra devido à degradação ambiental. Assim como nos recorrentes discursos sobre a Educação Ambiental e sobre a crise, nos livros

também encontramos estratégias para que a água não acabe, o lixo não tome conta das cidades e que cada sujeito seja capturado, a fim de se autogerir em relação às condutas corretas para prevenção da vida no planeta. Destaco a descrição das obras relacionadas ao ensino de Ciências, que fazem parte do acervo complementar:

Há obras que envolvem conhecimentos sobre a natureza, tratam da vida em sua grande diversidade, das relações do ser humano com outras formas viventes e seus modos de exploração do meio ambiente. [...] Obras Complementares nos apresentam discussões que oportunizam reflexões de **nossas ações para com o ambiente, ao nos mostrar causas e consequências do uso inadequado dos recursos dispostos na natureza.** [...] **possibilita discutir sobre a corresponsabilidade nos cuidados e uso responsável do meio ambiente.** [...] Dessa forma, todo elemento (vivo ou não vivo), por mais insignificante que pareça ser, certamente desempenha importante papel na geração, **manutenção e evolução das espécies.** (BRASIL, 2012 p.39-40) [grifos meus]

A partir desse excerto, extraído do guia do professor que acompanha os livros infantis, pode-se ver o quanto existe de ensinamentos relacionados à Educação Ambiental nos livros de Literatura Infantil destinados às crianças. Esses ensinamentos colocam em funcionamento estratégias do biopoder, um poder que age sobre a vida e que intensifica sua manutenção. A partir do enredo de cada história infantil, coloca-se em funcionamento algumas estratégias que visam dar visibilidade aos problemas ambientais e que ao mesmo tempo propõe alternativas para a mudança desse quadro de crise. Com isto, o endereçamento dessa tática do biopoder dirige-se ao sujeito individual buscando levar a uma ação do coletivo. Olhando para as histórias com as lentes foucaultianas, é notável o apelo pela mudança de comportamento e pela responsabilidade das ações de cada sujeito em relação ao bem do planeta, tentando garantir de alguma forma um prognóstico onde os problemas ambientais sejam amenizados a partir dos atos individuais e coletivos. Em relação a esta Educação Ambiental que circula nos ambientes escolares, Barchi (2013, p. 3259) diz:

A educação ambiental no Brasil atravessa um amplo processo de institucionalização e regulamentação de suas concepções teóricas, instrumentalizações técnicas, e de suas formas de ação e prática. Ela encontra-se, no Brasil, amparada e sustentada por um complexo e intrincado aparato documental, técnico e judiciário, que estabelece sua obrigatoriedade como uma das possíveis formas de transformação social e ecológica de uma situação de crise na qual todos os países do globo, de forma mais ou menos intensa, atravessam.

Desta forma, a Educação Ambiental está nas escolas e presente nos currículos, amparada por uma lei que exige sua obrigatoriedade e delimita, através de documentos, como o Parâmetro Curricular Nacional, Política Nacional de Educação Ambiental e etc, sua presença nas salas de aula e práticas cotidianas. Sendo assim, “[...] a educação ambiental age diretamente no corpo individual, promovendo um processo de disciplinamento que construa

habilidades, atitudes e competências, tendo como o regulamento desse mecanismo os chamados conhecimentos ambientais” (BARCHI, 2013, p. 3262). Com isto, as ações verdes relacionam-se com a biopolítica, visando a manutenção da vida através do biopoder e agindo diretamente sobre o corpo dos sujeitos que, já disciplinados, adotam outras condutas a fim de garantir um futuro melhor.

Considerações Finais

Ao longo deste texto, procurei mostrar algumas enunciações que me fazem enxergar a emergência de um novo sujeito que é acionado devido a um cenário que responde a uma condição histórico-social e cultural. É necessário que a problematização em relação ao que se entende por Educação Ambiental dentro das escolas, especialmente através de livros de Literatura Infantil seja uma das estratégias de fuga para essas ações já consolidadas neste campo. Vale lembrar que o material de análise deste trabalho encontra-se presente em todas as escolas públicas nacionais, abrangendo as turmas de primeiros a terceiros anos do Ensino Fundamental. Com isso, ao colocar em xeque algumas enunciações referentes à Educação Ambiental retratada nos livros infantis, penso ser prudente e necessário questionar quais práticas possíveis para que a Educação Ambiental estejam presente nas escolas? Ações como reciclagem de lixo ou cuidado com a água dão conta de nos tornar sujeitos ecologicamente corretos? Penso que tais questões devam ser feitas a nós mesmos antes de reproduzir verdades tão pautadas na repetição e que acabam por esvaziar o propósito da Educação Ambiental.

Referências

BARCHI, Rodrigo. **Educação e Meio Ambiente entre a Biopolítica e a Biopotência**. REU, Sorocaba, SP, v. 37, n. 1, p. 167-179, jun. 2011.

BARCHI, Rodrigo. **A Educação ambiental como exercício de poder e resistência**. Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas - UFSM, Santa Maria . v. 17 n. 17 Dez. 2013, p. 3258- 3267. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reget/article/view/10407>

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

BOUISSOU, Marta Morais. **Tanta água**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica, **Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento**. Ministério da Educação. Brasília: A Secretaria, 2012.

CARRARO, Fernando. **Se o lixo falasse**. Barueri: Editorial 25, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental: formação do sujeito ecológico**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DAREZZO, Magareth. **Canteiro**. São Paulo: Ática, 2011.

DOMENICO, Guga. **A poluição tem solução**. São Paulo: Voltaemeia, 2009.

FORGIARINI, Francisco Rossarolla. *Et.al.* **Integração entre a educação ambiental e a cobrança pelo uso da água como meio de racionalização do consumo**. *In.* Revista de Gestão de Água da América Latina. – Vol. 7, no. 1, p. 17-28, jan./jun. 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Ditos e Escritos IV**: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. 41º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUIMARÃES Leandro Belinaso, SAMPAIO Shaula Maíra Vicentini de. Educação ambiental nas pedagogias do presente. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 91, p. 123-134, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/3437/2068>

LEÃO, Liana. **Frederico Godofredo**. São Paulo: Elementar, 2010.

LUTTEMBARCK, Alice. **Pinga pingo pingado**. São Paulo: Fino Traço Editora, 2011.

LUTZENBERGER, José A. **Fim do futuro? : manifesto ecológico brasileiro**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1983.

OLIVEIRA, Maria Alexandre. **A Literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de Ensino**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVETO, Fernanda Aléssio. **Representações do Meio Ambiente e da Natureza na Literatura Infantil Brasileira da Primeira Metade do Século 20**. Dissertação de Mestrado, Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3404/1/2008_FernandaAlessioOliveto.pdf

ROCHA, Ruth. **Rubens o Semeador**. São Paulo: Richmond Educação, 2011.

SANT'ANNA, Eliana. **Pingo d'água**. São Paulo: Miguilim, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.